

O OLHAR FEMININO SOBRE O SEU PAPEL NO MUNDO EM “ERA UMA VEZ OUTRA MARIA”

Aldaberon Vieira do Nascimento ¹
Dr Anderson Matias Cardozo ²

RESUMO

As discussões em torno dos papéis de gênero nos provoca neste Artigo a refletir através da animação “Era uma vez outra Maria”. A personagem percebe como seu irmão é tratado diferente de si. Com o objetivo discutir as relações de gênero a partir da socialização primária por meio da instituição família à figura feminina retratada nas artes visuais, temos uma pesquisa qualitativa motivada pelo curso Gênero e Diversidade na Escola, GDE da Universidade Federal da Paraíba. O aporte teórico parte do material indicado no curso, artigos publicados no Google Acadêmico e de autores que dialogam sobre o assunto. A história revela como as expressões de satisfação e identificação de Maria são anuladas em meio às obrigações domésticas no trabalho de reprodução social, invisíveis e desvalorizadas. Uma clara naturalização das opressões. Mas, as violências sofridas levam Maria a analisar o passado, se reposicionar no presente, e se lançar em novas experiências com projeção no futuro. Fortalecida por uma nova rede de apoio e conhecimento é capaz de ressignificar suas relações e agir de modo autônomo e crítico, o que para muitos/as se apresenta como emancipação.

Palavras-chave: Papéis de gênero, Feminino e masculino, Sociedade, Representação, Relações sociais.

INTRODUÇÃO

As discussões em torno dos papéis de gênero é um assunto muito presente na sociedade contemporânea e ainda provocam muitas divergências. O estudo ora apresentado utiliza-se das artes para chamar atenção e inquietar o(a) leitor(a) a refletir sobre as diferenças no modo como educar/ensinar desde cedo no seio familiar e busca um olhar mais crítico para a forma como sociedade reproduz tais discursos e comportamentos.

¹ Professor de Educação Básica. Coordenador Pedagógico. Doutor em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University-EUA. Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma Del Sur-UNASUR-PY. Especialização em Gênero e Diversidade na Escola-GDE pela Universidade Federal Paraíba-UFPB. Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos, Paraíba-FIP. Graduação em Pedagogia pela Faculdade Cristo Rei-PI. Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. aldaberonvn@hotmail.com.

² Orientador. Cientista Social (Sociólogo). Professor efetivo de sociologia do Estado da Paraíba, Pesquisador e Psicanalista Clínico. Graduação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Especialista em Ciências Políticas; Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas do Departamento de Pós-Graduação de Ciências Sociais (UFCG) TDEEP (Trabalho, Desenvolvimento e Políticas Públicas). Pesquisa na área de Sociologia do Trabalho, com abordagem acerca de Trabalho, Gênero e Educação. Autor do livro Trabalhadoras da Construção naval no Complexo de Suape: Trajetórias, Identidades e Reformulações a partir da Divisão Sexual do Trabalho, 2021. decardozo06@hotmail.com.



A motivação para tal produção está em “Era uma vez outra Maria”, desenho animado, sem palavras, dirigido por Aliança H. Saludy Gênero e veiculado pela Ecos comunicação em sexualidade do Instituto Papai. Trata-se de um material indicado para ser utilizado em oficinas e/ou apresentações com mulheres, homens, jovens e/ou com profissionais das áreas de saúde e educação.

O enredo do desenho focaliza a socialização feminina, com base na história de Maria. A personagem percebe como seu irmão é tratado diferente de si pelos próprios pais e a partir de então, busca construir uma outra história em sua vida, rompendo com barreiras históricas e afirmando sua autonomia.

A menina desperta no(a) telespectador(a) uma inquietação fazendo outras MARIAS também questionarem seus papéis na sociedade que oprime e abusa da figura feminina fortalecendo os estigmas.

Homens e mulheres são apresentados como produtos da realidade social, logo tem-se que esses produtos provocam uma série de (re)ações sociais causando reflexos recíprocos de críticas e apontamentos.

Ao tentar agir como seu irmão, Maria é censurada pela metáfora do lápis que simboliza as opressões sofridas pelas mulheres nos diversos contextos sociais onde estão inseridas ladeadas por homens que reproduzem discursos, atos e atitudes masculinizadas, preconceituosas, fruto e repetições de uma sociedade machista e patriarcal.

Era uma vez outra Maria é uma indicação de estudo reflexivo da disciplina Metodologia de Projetos Didático-Pedagógico do Curso de Especializado Gênero e Diversidade na Escola-GDE que teve início em junho de 2020, e foi ofertado pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero – NIPAM, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba-UFPB.

A escolha da temática justifica-se pela forma como observamos os comportamentos de meninos e meninas a partir dos ensinamentos dados em família e como estes refletem na vida social e estão presentes na escola e os seus estereótipos provocam (re)ações que refletem na sociedade estigmatizando as mulheres.

O Objetivo Geral da pesquisa é ‘discutir as relações de gênero a partir dos ensinamentos impostos socialmente pela família desde a infância à figura feminina retratada nas artes visuais’. Ao mesmo tempo em que buscamos de forma mais específica analisar os discursos sociais sob os papéis de gênero; identificar estereótipos de gênero relacionados à figura feminina; compreender os estigmas direcionados às mulheres a partir das imposições sociais abarcadas pelo patriarcado.



A pesquisa de cunho qualitativo parte da projeção da animação como referencial que instigou esta produção, debruçando-se em textos de livros e artigos científicos publicados em site de buscas acadêmicas.

Os resultados analisados nos fazem compreender que os papéis de gênero imbricados na sociedade determinam que as mulheres permaneçam sendo vítimas de preconceitos nos diversos lugares que trafegam, quando são censuradas de forma a intimidar suas vivências. Porém, com este estudo esperamos que (outras) pessoas possam olhar de forma mais crítica e que possam enxergar muito além do constructo social e passem a ver pessoas em sua igualdade como instituem as legislações.

O PROTAGONISMO FEMININO - METODOLOGIA

A pesquisa de viés qualitativo dialoga com os estudos de gênero, a fim de analisar e interpretar os discursos apresentados. De acordo Gil (2008, p. 50), esse tipo de pesquisa “é desenvolvido a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

O interesse para analisar a animação em discussão nesse texto surgiu posterior o estudo do componente curricular Metodologia de Projetos Didático-Pedagógico do curso de Especialização Gênero e Diversidade na Escola-GDE, Aprovado pela Resolução CONSEPE/UFPB nº 45/2019 de 28/08/2019 na modalidade semi-presencial, teve início em junho de 2020, sendo ofertado pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero – NIPAM, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba-UFPB. A grade curricular composta de sete módulos a compreender: Introdução a Educação a Distância, Gênero e Diversidade, Diversidade, Gênero, Sexualidade e Orientação Sexual, Metodologia de Projetos Didático-Pedagógicos, Relações Étnico-Raciais, e Metodologia de Projeto de Pesquisa, totalizando 390 horas em 18 meses.

A partir de então, procuramos levantar estudos anteriores pertinentes para nossa análise que dialoga(va)m com a animação, prezando pelos textos indicados no componente curricular estudado na especialização, que foi a base para nossa escrita, e recorreremos ainda a textos trabalhados/utilizados pelas(os) professoras(es) durante o curso e pesquisas relacionadas e outros buscados na base de dados do Google Acadêmico.

Todas as abordagens realizadas refletem na objetivação da pesquisa como resultado do que nos inquieta para este Estudo. E a seleção de autores que discutem os papéis de gênero na sociedade foi pensada para tornar o trabalho mais cientificamente enriquecedor. Haja vista o



objetivo de produzir pesquisas que oportunizem novas investigações como base científica para a academia e outros meios de produção e divulgação.

Partindo desse princípio, espera-se que o resultado apresentado a seguir incitem novas discussões, novos estudos e novas inquietações.

A COMPREENSÃO DOS ESPAÇOS FEMININOS ALÉM DAS LETRAS

Era uma vez outra Maria é uma animação sem palavras que conta a história de Maria, uma menina que não aceita a forma como é tratada e busca construir uma outra história em sua vida. Para tal a menina (re)age rompendo barreiras e afirmando sua autonomia, enquanto mulher que não aceita as condições impostas à figura feminina explicitada na submissão imposta pela sociedade sobre a mulher.

Na animação, a menina Maria percebe que meninas e meninos são criados(as) de forma diferente. A imagem feminina figura como coadjuvante de suas próprias ações quando busca protagonizar a luta pela causa feminista em garantia dos direitos instituídos pela Constituição Federal, dentre os quais cidadania, igualdade e justiça. Maria descobre que a sua criação influencia seus desejos, comportamentos e suas atitudes, mas se depara com as normas impostas socialmente que castram sua autonomia. De lembranças da infância a sonhos para o futuro, ela questiona o seu papel no mundo, além das atividades domésticas retratadas.

O que a personagem questiona é, na verdade um constructo social que ultrapassa gerações e por mais que se pense ou se discuta na contemporaneidade os avanços, as conquistas, as modernidades presentes nos relacionamentos sociais, o modo como as pessoas, homens e mulheres se apresentam ainda exprimem divergências e aceitações/rejeições dentre os sujeitos sociais, conforme explicitam as ciências sociais e humanas.

Destarte, “o conceito de gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos (BRASIL, 2009, p. 39). É isso que percebemos na forma como a personagem vai compreendendo como as coisas acontecem ao seu redor. A forma como ela é instruída e a maneira como seu irmão é tratado, o comportamento do pai com o filho e da mãe com ela.

O papel social da mulher apresentado através da personagem Maria é explicitado em diversos meios como na música, na dança, na literatura, nas artes plásticas dentre tantos outros contextos interpelados socialmente. Nesse sentido, a criação dada à Maria pelo pai e pela mãe reproduzem o conceito de gênero apresentado acima. Logo, esse constructo social provoca na

atual conjuntura mudanças de comportamento e acirra em crianças e adolescentes enfrentamento a forma como são tratadas(os) nos diferentes grupos onde estão inseridas(os).

Nesse sentido, “[...] é interessante perceber como as práticas educativas destinadas a meninas e meninos nos mesmos ambientes são diferenciadas (SANTOS, 2017, p. 348)”. O que pode ser comprovado por todas(os) nós, haja vista nossos ambientes familiares e sociais reproduzirem tais práticas. Para a autora:

Estudos já demonstraram como essas relações se dão de forma a educar as meninas para espaços privados e para a execução de uma série de práticas e experiências ditas femininas. Os estudos sobre masculinidades também demonstram como as práticas educativas produzem subjetividades que exercem funções esperadas para o gênero masculino em corpos compulsoriamente determinados como de meninos (SANTOS, 2017, p. 348).

Os processos ensinados desde cedo no seio familiar, reproduzido na escola e em outros grupos sociais refletem os comportamentos visualizados em atos extremos com índices alarmantes de violências nas diversas sociedades onde as diferenças de gênero são marcadores que categorizam meninos e meninas, homens e mulheres e discriminam as orientações de gênero, por exemplo. Na prática, este modelo de representação dos corpos pavimenta um ordenamento cultural para a naturalização das diferenças transformadas em hierarquias. Dito de outro modo, temos neste universo relacional a concretização do sexismo, elevado em potência à discriminação, violência simbólica, física, e ódio ao que é sinalizado como correspondente ao feminino.

Temos que “o modo como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero (BRASIL, 2009, p. 40)”. A sociedade desperta determinados comportamentos, e por que não dizer, ‘ensinamentos’, mas cobra de seus/suas agentes uma postura divergente.

Desde a gestação cria-se um ritual de preparação para a chegada do(a) bebê com expectativas de qual será o gênero/sexo, de como deve ser montado o enxoval, o quarto. Posterior, “há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, amar etc. (BRASIL, 2009, p. 40)”. Estes gestos se propagam desde cedo, principalmente no ambiente doméstico, aos olhos dos(as) genitores(as) e/ou familiares, como observa Maria quando é proibida de sentar com as pernas abertas ou quando é censurada de ver futebol, pois tem que cuidar da louça do jantar junto a mãe e a irmã.

E nos outros grupos sociais, “conforme o gênero, também há modos específicos de trabalhar, gerenciar outras pessoas, ensinar, dirigir o carro, gastar o dinheiro, ingerir bebidas,

dentre outras atividades (BRASIL, 2009, p. 40)”. Desse modo, temos que “o gênero é algo que vai sendo construído e moldado ao longo do tempo, às vezes por proibições daquilo que foge ao padrão pré-estabelecido pela sociedade. (SENA et al, 2020, p. 579)”.

As Diretrizes Nacionais de Educação em Direitos Humanos, DNEDH homologadas em 2013 constituem:

O Art. 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, [...] coloca a dignidade da pessoa humana em primeiro plano. Esse artigo afirma: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade” (BRASIL, 2013, p. 36).

Fato é que as legislações em diversos casos não são cumpridas ou não são levadas a sério. Ver-se múltiplos acontecimentos que negam a dignidade humana colocada constitucionalmente ignorando a liberdade das pessoas, principalmente no que se refere às relações de gênero, assunto muito discutido atualmente.

Reproduzida além do ambiente doméstico as relações de gênero interpelam também o espaço escolar que por sua vez, não tem sido acolhedor. Nele os ensinamentos sociais, adquiridos desde o nascimento, que educa a criança para conviver em sociedade instruem de maneira distinta considerando o ser menino ou menina. Logo, a forma como as pessoas veem as diferenças de gênero e as relações estabelecidas entre os grupos de pares, como distinguem atitudes e gestos tidos como masculinos e/ou femininos e as escolhas feitas a partir dessas distinções é inculcado logo na infância e exprime/imprime o modo de pensar e de agir de cada pessoa.

Diante de tal fato,

No que se refere à prática docente, percebe-se a necessidade de formação continuada e reflexão sobre as temáticas gênero e sexualidades na escola, bem como raça/etnia, geração, identidade de gênero, pois só assim é possível rever nossas ações e abandonar práticas sexistas que são reforçadas no dia a dia. (SENA et al. 2020, p. 592).

A humanidade precisa compreender o ser humano como um todo a partir do que institui as legislações e o direito de respeitar o próximo e de ser respeitado(a) mutuamente. Haja vista, a presença feminina fora do seu ambiente doméstico crescer notadamente ocupando campos de trabalho antes tipicamente masculinos, em busca de independência financeira, percebemos que ainda há muito ‘preconceito’ contra as mulheres.

Para Nascimento e Cardozo (2020, p. 1), “a sociedade, por meio de suas instituições socializadoras, desponta como uma agente influenciadora na formação dos discursos. Ela mostra o que cada gênero faz e/ou como deve se portar e ensina a abafar seus sentimentos e o seu lado do sexo/gênero oposto”, oprimindo a razão e a consciência e reprimindo as relações de fraternidade instituídas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.



Para os autores “a sociedade cri(ou)a as identidades pelas quais os gêneros se mostram e os papéis se (auto)definem (NASCIMENTO *et al*, 2020, p. 8)” instituindo relações de poder. “E essas relações de poder se configuram na sociedade contemporânea como aspectos de uma cultura que ainda cultiva as características masculinas como superiores às femininas (NASCIMENTO *et al*, 2020, p. 6)”, acrescentam. Desta forma criou-se e cultiva-se uma sociedade tipicamente patriarcal que subjuga o papel da mulher, a inferioriza e institui uma hierarquia de gênero (BRASIL, 2009). O que implica nos discursos abusivos e em atos e ações que produzem estereótipos e estigmas sociais que provocam feridas que não cicatrizam e tornam as pessoas reféns sociais e de si mesmas.

AS INQUIETAÇÕES OPERADAS POR MARIA - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa aborda o elemento central na constituição do sujeito, ou seja, sua criação sócio-histórica, o que envolve todo processo de representação social a ele atribuído, e que compõe uma posição subjetiva culturalmente reproduzida e legitimada. Uma produção do real que por meio da linguagem estabelece status e papéis sociais, servindo como referência e produção estética e moral para as novas gerações. Uma educação e disciplinamento de corpos, valores e comportamentos. Em síntese, estamos falando da *socialização*. Debate que encontra em Bourdieu uma das grandes referências clássicas de análise. Ao tratar do poder socializador dos grupos sociais, hierarquicamente dispostos, este autor denuncia as distinções criadas socialmente e postas num mercado simbólico. Ambiente este que naturaliza as condições distintas de socialização, bem como as violências e opressões que resultam de competições implícitas desse jogo. Bourdieu (1996 in CARDOZO, 2018, p.14) desenvolveu a partir do conceito do *habitus* o princípio social de classificação. Em outras palavras,

Este como representando as disposições e estruturas cognitivas incorporadas no sujeito, guiando suas ações e configurando suas práticas, ao mesmo tempo em que é um elemento diferenciador de grupos e sujeitos, ou seja, princípio de distinção e divisão.

É neste contexto que se inserem os/as personagens da animação aqui problematizada. Uma materialização das condições sociais e culturais do que se nomeia de gêneros. Uma reafirmação permanente dos espaços e posturas demarcados como masculinos e femininos, espaços público e privado. Uma estrutura rígida, pouco flexível e autoritária. Dominada pelo poder de julgamento e operação na figura patriarcal.

Simbolicamente, mas agindo de modo objetivo, temos na representação do lápis a força disciplinadora da moral social. Instituição fiscalizadora, punitiva e violenta. Traços de uma



sociedade tipificada por Michel Foucault (1987) como do controle, criação da modernidade. Já em Freud podemos identificar por aquilo que ele denomina de *superego*, sendo um dos componentes da estrutura da psique humana responsável pela regulação dos impulsos sexuais demandados pelo *id*, atuando como uma espécie de freio moral desenvolvido pela cultura.

A história inicialmente revela como as expressões de satisfação e identificação de Maria são anuladas em meio as obrigações domésticas no trabalho de reprodução social, invisíveis e desvalorizadas, servindo como uma forte metáfora para sua condição de sujeito. Assalto do seu tempo livre em benefício dos privilégios destinados ao universo masculino. Uma clara naturalização das opressões. Mas, é através das violências sofridas que levam Maria a analisar o passado, se repositonar no presente, se lançar em novas experiências, e com isso uma nova projeção no futuro, em novos olhares e julgamentos. Fortalecida por uma nova rede de apoio e conhecimento é capaz de ressignificar suas relações e agir de modo autônomo e crítico, o que para muitos/as se apresenta como emancipação.

As transformações só foram possíveis a partir do momento em que a protagonista colocou em crise a principal instituição socializadora, o que se fez sentir nos demais espaços.

Uma trama que toca em profundas contradições da vida social, na responsabilização das escolhas e suas consequências, mas colocando o sujeito como principal agente de condução de sua existência e pelas transformações.

Ao chamar atenção para essas tensões que envolvem as representações do masculino e do feminino devemos ter em conta que há uma estrutura de relações que se forma a partir deste encontro assimetricamente composto, mas oriundo de um sistema de significados culturais.

Analisar o universo que envolve homens e mulheres sob a lente das relações sociais nos coloca no exercício da refutação das estruturas epistemológicas que tradicionalmente marcam o campo, e no qual a abordagem *relacional* ganha um importante status analítico. Daniele Kergoat (2010, p.71) observa que “a relação social é, em princípio, uma tensão que atravessa o campo social. Essa tensão produz certos fenômenos sociais e, em torno do que neles está em jogo, constituem-se grupos de interesses antagônicos”. As relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho compõem faces de um mesmo sistema, mutuamente implicado em suas relações.

Herança da sociologia francesa, a categoria *relações sociais de sexo* trata desta análise da construção social e histórica dos sexos em suas imbricações relacionais. Aponta para o fato de como as categorias são construídas, reproduzidas e transformadas a partir das relações que envolvem os sujeitos. Categorias que se “fixam e reificam-se” em diferentes papéis sociais, subjetividades, ocupações e comportamentos distribuídos socialmente entre universos

masculinos e femininos (NOGUEIRA, 2011). Diferença que também é transferido para o âmbito do trabalho, o que coloca para as ciências humanas um novo paradigma de análise e problematização (NEVES, 2013).

A contextualização histórica das relações sociais de sexos produz profundas transformações não apenas na desconstrução da mulher enquanto “sujeito biologicamente dado”, mas no próprio cerne epistemológico da história que, ao incluir a mulher neste processo leva à modificação na própria narrativa histórica (MATOS, 2008).

Relações sociais que são, portanto, sintomáticas para pensar a construção de categorias sociais, mas que não esconde as relações de poder e dominação. E inferir análises tomando por referência relações isoladas na formulação conceitual mostrará simplesmente seu viés reducionista e limitado (KERGOAT, 2002).

Ao entender que as relações sociais de sexo trazem consigo tensões e disputas permanentes, Kergoat (2010) fundamenta suas conclusões por meio da ideia de que, *o social é um fenômeno sexuado*, onde os grupos - masculino e feminino - já se encontram localizados.

A partir dessa leitura relacional a apreensão da realidade opera em torno da intersubjetividade, o que reduz a coadjuvante a dimensão estrutural do gênero (enquanto categoria isolada alheia às relações). Pensamento que adquire maior sustentação quando se tem em mente que a *dominação só ocorre dentro de uma relação social* (SAFFIOTI, 2015). O gênero é uma das variáveis que, mesmo construído historicamente, na sociedade capitalista, serve como instrumento simbólico e ideológico imbricado no patriarcalismo. Em outras palavras, pensar a realidade a partir das relações sociais de sexo no contexto de uma sociedade de classes nos coloca na condição de necessariamente incluir *gênero*, sabendo que este não está descolado historicamente do seu papel de reprodutor da ordem capitalista como explicitado na animação em discussão ao retratar os dilemas da personagem Maria.

Kergoat (2010, p.95) coloca que “*as relações sociais de sexo* continuam a operar e a se manifestar sob suas três formas canônicas: *exploração, dominação e opressão*”. E, pensar nas transformações no âmbito dos sexos dentro desta lógica nos leva a localizá-las num espaço de tensão no bojo das relações sociais dos sexos, e só a partir daí se vislumbram as possibilidades de rupturas e mutações.

Colocando as mulheres, não isoladamente, mas enquanto sujeitos coletivos, produtores de sentido e sujeitos de sua própria história. Sair da imagem imposta de feminilidade para se tornarem mulheres portadoras de poder de ação na construção e no desenvolvimento das relações sociais (KERGOAT, 2010, p. 95).

Foi precisamente nesta estrutura relacional que Maria operou suas inquietações, e fazendo delas a busca por conhecimento e abertura para novas experiências de sociabilidade. E



a partir de então pôde criar um novo lugar de reflexão e crítica. Desnaturalizou o cotidiano de opressão em torno dos gêneros e se reinscriu nas relações sociais, seja com os mesmos personagens que compõem a sua vida mais íntima, a saber, a família, ou os novos sujeitos que passaram a fazer parte do seu ciclo de relações. O fato é que, as relações sociais de sexo, circunscritas à sua realidade foram tensionadas e gerou mudanças.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As discussões provocadas envolvem todo um processo de representação social a ele atribuído, e compõe uma posição subjetiva culturalmente reproduzida e legitimada. As divisões do trabalho reproduzem a construção social que introduz na figura feminina papéis que as diferenciam dos meninos ainda no seio da família. As determinações impostas às meninas não são as mesmas que tornam seus pares mais livres criando uma sociedade patriarcal cada vez mais machista.

O enredo da animação estabelece status e papéis sociais que servem como referência e produção estética e moral para as novas gerações. Ele reflete uma educação e disciplinamento dos corpos, valores e comportamentos. Os disciplinamentos dados à Maria abrem um leque para a sociedade perceber como esta trata as mulheres, definindo papéis subjugados que desde outrora criaram estereótipos que impõem à figura feminina atividades que a tipificam. Vale salientar que as mulheres sempre tiveram um papel importante socialmente na (re)produção dos sujeitos sociais.

Destarte, percebe-se, hoje, que a luta feminina de séculos alcançou várias conquistas, mas na atual conjuntura tais conquistas ainda se distanciam dos privilégios destinados ao universo masculino que oprime seus pares. A forma como Maria é tratada na animação retrata as diversas 'Marias' que se desdobram nos papéis sociais que tornam a sociedade economicamente produtiva, mas não reconhece na prática as homologações de igualdades constitucionais estabelecidas pelos marcos legais.

As tensões que envolvem as representações de masculinidade e de feminilidade são/estão estruturadas em relações oriundas de um sistema de significados culturais com marcas profundas. As mulheres permanecem sendo tratadas com diferença mesmo quando dividem campos de trabalho, por exemplo, com os homens. Estão produzindo ciências e ocupando cargos de destaque e isso serve para alavancar a autoestima feminina para sentir-se socialmente capaz.



A história protagonizada pela menina Maria se torna um espaço de debate, lugar de mostrar que há um futuro para quem luta e busca seu espaço, assim como a personagem se projeta e provocou mudanças. Desta forma, espera-se que esta produção provoque inquietações, não só, mas, sobretudo, nas mulheres e que novos espaços de discussões e de debates se encontrem, que novas experiências de sociabilidade se projetem. E que os campos de pesquisas acadêmicas desnaturalizem-se e provoquem (mais) mudanças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras(es) em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009;

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras(es) em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de Atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009;

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais** – Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. 2013;

CARDOZO, Anderson Matias. *Da cana-de-açúcar à máquina: as novas identidades profissionais desenvolvidas pelas mulheres a partir da construção naval no complexo industrial e portuário de Suape*. **III Encontro de Ciências Sociais: os desafios das ciências sociais diante das manifestações de intolerância**. Campina Grande: UFCG, 2018;

ERA UMA VEZ outra Maria. Direção: Aliança H. Saludy Gênero. Ecos comunicação em sexualidade. Instituto Papai. Word Education. Coordenação: Instituto Promundo. Produção: Jah comunicação. Rio de Janeiro. DVD vídeo (20 min), son., color;

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987;

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KERGOAT, D. **A relação social de sexo: da reprodução das relações sociais à sua subversão**. Pro-posições, v.13, n. 1 (37), 2002;

_____. **Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais**. Novos estudos, 86, 2010;

MATOS, Vanessa Cristina Santos. **Gênero e Trabalho: um olhar sobre as greves operárias de junho e setembro de 1919**. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008;



NASCIMENTO, Aldaberon Vieira do. *et al.* **Características de menino e de menina: um discurso cultural.** Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/68143>>. Acesso em: 28 jul 2022;

NEVES, Magda de Almeida. **Anotações sobre trabalho e gênero.** Cadernos de Pesquisa, v. 43, n. 149, pp. 404-421, 2013;

NOGUEIRA. Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado. A divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** São Paulo: Expressão Popular, 2013;

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. **Docências trans: entre a decência e a abjeção.** 447 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47741v>>. Acesso em: 30 jul. 2022;

Sena, D. M. R., Fraga, J. T. da, & Mendonça, J. G. R. (2021). **Menino veste azul, menina veste rosa: uma reflexão sobre as relações de gênero reforçadas na educação infantil.** *Diversidade e Educação*, 8(2), 576–594. <https://doi.org/10.14295/de.v8i2.11569>. Acesso em 30 jul 2022, 17:39.